



O CORAÇÃO, A SANTA E A DÁDIVA: CONTRIBUIÇÕES TEOLÓGICAS DE CORPOS FORA-DA-LEI¹

Cristiana de Assis Terra

Resumo: Tomando como paradigma a teologia indecente de Marcella Althaus-Reid, parto do violento extermínio da travesti Quelly da Silva em Campinas (SP), em janeiro de 2019, para uma jornada em busca da dádiva proporcionada à Igreja, desde as catacumbas, pelos corpos fora-da-Lei de cristãos LGBT. Caminho em direção à celebração da indecência desses que se situam nas margens, nas zonas de fronteira, fora do mundo conhecido e normatizado, à imagem do Cristo transgressor que se encarnou num corpo humano e indecente, e procuro esboçar as bem-aventuranças dos párias sexuais da Igreja.

Palavras-chave: Cristãos LGBT; celebração da indecência; dádiva das margens; teologia queer; teologia indecente.

Abstract: Taking as its paradigm the indecent theology of Marcella Althaus-Reid, I take the violent extermination of the transvestite Quelly da Silva in Campinas (state of São Paulo, Brazil), in January 2019, as starting point of a journey in search of the gift provided to the Church, from the catacombs, by the outlaw bodies of LGBT Christians. I walk toward the celebration of the indecency of those on the shores, in the frontier zones, outside the known and normalized world, in the image of the transgressor Christ who became incarnate in a human and indecent body, seeking to outline the beatitudes of the sexual outcasts of the Church.

Keywords: LGBT Christians; celebration of indecency; gift of the margins;

¹ Este trabalho é fruto do encontro de um artigo de mesmo título que escrevi para uma publicação de Católicas pelo Direito de Decidir (organizada por Regina Soares Jurkewicz) com a “teologia indecente” de Marcella Althaus-Reid, conforme a proposta do GT 7 do VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, “Na cama com Marcella”, coordenado por Ana Ester P. Freire, Genilma Boehler e Ana Claudia Figueiroa. Cf. SERRA, Cristiana de A. O coração, a santa e a dádiva: contribuições teológicas de corpos fora-da-lei. In JURKEWICZ, Regina S. (org.). **Teologias fora do armário:** teologia, gênero e diversidade sexual. Jundiaí, SP: Max. 2019. Pp. 10-33.

queer theology; indecent theology.

Na noite de 20 de janeiro de 2019, um domingo, a travesti Quelly da Silva foi assassinada em Campinas, São Paulo. Depois de morta, teve o peito aberto com cacos de vidro e o coração arrancado pelo criminoso, que o enrolou em um pano e o escondeu em sua casa. Sobre o cadáver, o assassino deixou uma imagem de Nossa Senhora de Aparecida.²

Diz a poeta Nina Rizzi, mulher negra e cearense: “quem já viu um coração de perto sabe que se parece com um punho ensanguentado. E um estômago. E um útero”.³ Para mim, olhando de perto, o coração pulsante arrancado de Quelly se parece com um clitóris mutilado no momento do gozo. Um clitóris emasculado pela santa de gesso que – parafraseando Marcella Althaus-Reid ao falar da Virgem de Guadalupe, padroeira das Américas⁴ – oculta sob seu manto o falo castrador que se abate sobre nossos corpos para colonizá-los.

Minha proposta, neste trabalho, é tomar como paradigma a teologia indecente de Marcella para, a partir do violento extermínio de Quelly, sair em uma jornada em busca das dádivas proporcionadas à Igreja por nossos corpos de pessoas LGBTI+, esses corpos fora-da-Lei. Caminho rumo à celebração da indecência dessas e desses que se situam nas margens, nas zonas de fronteira, fora do mundo conhecido e normatizado, à imagem do Cristo transgressor que cometeu a obscenidade de se encarnar num corpo humano.

A realidade e atrocidade de histórias como a de Quelly e uma multidão de outras e outros ajudam a consolidar dois lugares-comuns. Primeiro, corroboram o entendimento de que a dissidência da norma cis-heterossexual é inconciliável com a pertença religiosa cristã. Entre a “cura” de nossas sexualidades e expressões de gênero e a eliminação de nosso canal de

² G1 CAMPINAS E REGIÃO. Homem é preso em Campinas após matar travesti e guardar coração: 'Era um demônio'. **G1**, 21/01/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/21/homem-e-preso-em-campinas-apos-matar-e-guardar-coracao-da-vitima-em-casa.ghtml>>. Acesso em: 11 out. 2019.

³ RIZZI, Nina. Sereia no copo d'água. **A poema** (blog da autora), 12 de junho de 2019. Disponível em: <<https://ninaarizzi.blogspot.com/2019/06/sereia-no-copo-dagua.html>>. Acesso em: 11 out. 2019.

⁴ ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**: theological perversions in sex, gender and politics. Londres e Nova York: Routledge, 2000. Pp. 47-86.

experiência e comunicação com o sagrado, a nós, pessoas trans, lésbicas, bissexuais e gays cuja experiência do sagrado é codificada na linguagem e na simbologia cristãs, só restaria escolher uma ou outra dimensão de quem somos. Viver as duas dimensões em plenitude seria uma contradição em termos, uma impossibilidade.⁵ Porém, me pergunto se é mesmo aí que está o impasse, ou se esse é um falso dilema.

O segundo lugar-comum é aquele que foi descrito pela feminista pró-sexo Susie Bright ao constatar (o óbvio): que mesmo as igrejas mais liberais têm medo da sexualidade. Que vivem atoladas na culpa, na superstição, nas exigências dos papéis de gênero religiosos. “A criatividade sexual como caminho espiritual”, diz ela, “como libertação, como iluminação”, fica reservada aos pagãos. E aos devassos.⁶

E, de fato, essa teologia que exalta a virgindade, essa teologia obcecada em nos manter de pernas fechadas e lábios cerrados (e não só a boca), como diz Marcella;⁷ essa teologia obcecada em vetar o acesso aos orifícios dos nossos corpos, em impedir nossos buracos de expelir fluidos e de se lubrificarem para serem penetrados “gostoso” pela vida, pelo mundo que nos rodeia – essa é a teologia sobre a qual assenta toda uma tradição cristã de exaltação da “dor” e do “sacrifício” como caminhos para a “salvação”. Mas: que “salvação” é essa que se dá ao custo da deformação e do esfacelamento de nossos corpos?

Angelica Tostes pergunta: “Pode o corpo falar? O corpo subalterno? O corpo que é sexualidade? O corpo que goza? Pode esse corpo ter o direito de fazer teologia? Ou teologia é essa coisa seca, sem lubrificação do afeto, do amor, do prazer?”.⁸ Fazer teologia a partir de nossas próprias experiências e de nosso lugar no mundo – que a teologia da doutrina e do dogma se empenha

⁵ SERRA, Cristiana de A. **Víamos pra comungar**: os grupos de católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019. Pp. 19-49; idem. O coração, a santa e a dádiva: contribuições teológicas de corpos fora-da-lei. In JURKEWICZ, Regina S. (org.). **Teologias fora do armário**: teologia, gênero e diversidade sexual. Jundiaí, SP: Max. 2019. Pp. 14-17.

⁶ BRIGHT, Susie. **The sexual state of the union**. Nova York: Touchstone, 2000 (edição Kindle). P. 31.

⁷ ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**: theological perversions in sex, gender and politics. Londres e Nova York: Routledge, 2000. P. 69.

⁸ TOSTES, Angelica. Quem tem o direito de fazer teologia? **Angeliquisses** (blog da autora). 17 mai. 2018. Disponível em: <<https://angeliquisses.com/2018/05/17/quem-tem-o-direito-de-fazer-teologia/>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

em desqualificar e deslegitimar, justamente pela impossibilidade de negar a dimensão erótica de nossos corpos sexuados –, fazer teologia a partir de nossas próprias experiências e de nosso lugar no mundo possibilita resgatar a imagem da Divindade Encarnada do Evangelho, de que somos seguidores. Somos seguidores da Divindade Obscenamente Encarnada num Corpo Erógeno, que nos sacraliza em nossa erogeneidade, em nossa potência desejante, prazerosa e criativa. Nossos corpos, nos lembra Nancy Cardoso Pereira, remetendo aos momentos iniciais da Criação, “nada precisam esconder. Tudo era bom. Os olhos eram bons, imagem de Deus”.⁹ Reduzir esse corpo, “dádiva de Deus, destinado à eternidade”,¹⁰ à reprodução mecânica da vida biológica; e condenar como abominação todo erotismo que não se enquadre nessa função utilitária do corpo é cometer traição contra o Cristo encarnado na vida de cada um e cada uma de nós.

Nancy Cardoso mostra como, na consolidação do projeto monoteísta em Israel, reforçou-se a imagem de um deus incorpóreo para afirmar sua superioridade em relação “a outras divindades marcadas e misturadas a rituais de fertilidade e expressões eróticas”.¹¹ Diz ela:

A velação do corpo de Deus (Ninguém viu a Deus), a afirmação de uma divindade única e, por isso mesmo, sem relacionalidade estreitam as possibilidades do imaginário erótico como expressão religiosa. Em lugar das trocas cósmicas fertilizadoras da vida, expressas em profusões de relações entre deuses e deusas, estabelece-se uma divindade única que governa a partir da Lei e da Palavra. De todos os orifícios do corpo responsáveis pelas trocas com o mundo e as pessoas, somente a boca vai manter sua dignidade. A influência destas imagens da raiz de nossas tradições participa da consolidação de modelos de identidade e de relação, fornecendo e disponibilizando mitos que normatizam e perpetuam mecanismos de exclusão, alienação e sofrimento.¹²

Tratado como inimigo e fonte de tentação e pecado, é primeiro do corpo que devemos nos privar, na pretensão de alcançar um ideal de perfeição imaculada cuja representação máxima é esse “deus incorpóreo, puro espírito”, “des-erotizado”, contraposto a “homens e mulheres (...) em seus corpos pecadores e mortais”.¹³

⁹ PEREIRA, Nancy Cardoso. Sagrados corpos. Introdução. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla**. Petrópolis: Vozes, n. 38, p. 5-10, 2001.

¹⁰ Idem. Ibidem.

¹¹ Idem. Ibidem.

¹² Idem. Ibidem.

¹³ Idem. Ibidem.

Ainda nas palavras de Nancy:

Pensamos encontrar Deus onde o corpo termina: e o fizemos sofrer e o transformamos em besta de carga, em cumpridor de ordens, em máquina de trabalho, em inimigo a ser silenciado, e assim o perseguimos, ao ponto do elogio da morte como caminho para Deus, como se Deus preferisse o cheiro dos sepulcros às delícias do Paraíso. E ficamos cruéis, violentos, permitimos a exploração e a guerra. Pois se Deus se encontra para além do corpo, então tudo pode ser feito ao corpo.¹⁴

Contudo, hoje não vou me deter sobre a violência e a opressão de nossas igrejas sobre nossos corpos. Hoje, quero, sim, denunciar e fazer justiça à dor de todas e todos que se creem indignos do amor de Deus – ou, de resto, de qualquer outra forma de amor, ficando fadados à solidão; à dor de todas e todos que se creem condenados à danação eterna – nesta vida e em qualquer outra; e, na tentativa de se salvarem, são submetidos e se submetem espontaneamente a todo tipo de mutilações, do corpo e da alma. Hoje, vou tentar fazer justiça sobretudo aos párias sexuais da Igreja – mas, em lugar de denunciar a negação da sacralidade dos nossos corpos e a exigência de uma pretensa santidade desencarnada,¹⁵ o que vou tratar de fazer é cantar nossas bem-aventuranças.

Porque, não obstante a interdição da Lei, existimos. E nossa existência, em si mesma, denuncia as estruturas de exclusão, o autoritarismo e a falta de horizontalidade da Igreja. Nossos corpos existem, simplesmente; foram criados e são recriados na vida a cada instante na gratuidade, por graça. Em sua concretude, em sua materialidade, encarnam desejos, prazeres, afetos, amores que não só não se submetem à norma como continuam existindo, apesar da violência. Seguimos existindo, ainda que nos matem. Ainda que nos expulsem, continuamos aqui. Mesmo que nos neguem os sacramentos, mesmo que nos excluam da Eucaristia, Cristo caminha conosco. Cristo caminha em nossos passos. Mesmo proibidos, gozamos; temos prazer e alegria nesta vida, e experimentamos o Deus vivo, erótico e amoroso em nossos afetos, em nossos prazeres e em nossas relações. Podem nos difamar: não é porque as

¹⁴ Idem. *Ibidem*.

¹⁵ SERRA, Cristiana de A. O coração, a santa e a dádiva: contribuições teológicas de corpos fora-da-lei. In JURKEWICZ, Regina S. (org.). **Teologias fora do armário**: teologia, gênero e diversidade sexual. Jundiaí, SP: Max. 2019. Pp. 14-20.

autoridades afirmam qualquer coisa a nosso respeito que nos tornamos o que elas dizem que somos. Suas palavras não ganham força de verdade só por saírem de bocas purpuradas. A Verdade de nossas vidas, a teologia viva de nossos corpos, são muito maiores do que as pretensas verdades do Magistério, do que a teologia mesquinha da doutrina e do dogma.

Falo na dádiva do corpo e do prazer dos corpos, e não estou falando dos corpos bem-comportados da moral sexual asséptica, mas da dádiva dos corpos que explodem de prazer e, nessa explosão, são a expressão da potência da criatividade divina. O corpo que conhece o prazer é um corpo que se sabe potente, é um corpo que não vai se submeter a nada que o prive desse prazer, porque esse corpo sabe que foi criado para o prazer e para a alegria, e Deus viu que tudo era muito bom (*cf.* Gn 1, 31). Isso é profundamente libertador, e por isso mesmo muito perigoso e ameaçador para quem detém o poder; e, por isso mesmo, tem profundo impacto político.

Tem profundo impacto político estarmos à margem. Se estamos à margem, isso significa que nos situamos nos limites do mundo conhecido. Nessa zona de fronteira, as concepções cristalizadas, os saberes constituídos, as ordens estabelecidas, os poderes instituídos, os lugares predefinidos, as delimitações exatas se dissolvem e confundem em uma imprecisa terra de ninguém, entre o território sagrado do cosmos, criado segundo a ordem entendida como divina, e o caos visto como povoado pelos demônios das trevas e do desconhecimento. O centro teme, e com razão, a ameaça que as margens representam para as estruturas consolidadas. Porém, as inversões e subversões dessas estruturas, operadas preferencialmente desde as margens, são provavelmente a melhor chance de escaparmos à morte da paralisia e da estagnação. É justamente nas periferias da Igreja e da existência – lá onde fervilham o caos e a mudança – que brota o que é novo. A dádiva das margens é a renovação.¹⁶

¹⁶ Cf. METALLI, Alver. Dos años con Francisco, por los villeros de Baires. **Vatican Insider en El Mundo**, Roma, 09 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.lastampa.it/2015/03/09/vaticaninsider/es/en-el-mundo/dos-aos-confrancisco-por-los-villeros-de-baires-9o3ffuU5Fj7e5ohS86GL9K/pagina.html>>. Acesso em: 26 maio 2017.

Não precisamos de autorização para existir. Já estamos aqui,¹⁷ e fazemos e vivemos com nossos corpos teologias que não se deixam engessar. Teologias que refletem a pujante diversidade da Criação divina, que se renova perpetuamente no tempo e no espaço e, por isso mesmo, resiste a todo e qualquer projeto de dogmatização: “eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). O mistério de Deus se faz presente, e se faz sentir em nossa pele, em nossas mucosas, em nossas vísceras, em nosso sexo, e aí experimentamos abundantemente o incognoscível de Deus; Deus que não se dá a conhecer senão por nossos sentidos, senão pela sordidez dos nossos corpos e dos encontros que vivemos, senão pelo absurdo do viscoso, do fluido, do indecente. A experiência sexual de nossos corpos eróticos, desejanter e não-reprodutivos faz de nós abominação desde a perspectiva de uma teologia desencarnada e castradora. Marcella nos diz que, ao “[viver] o amor e a intimidade nas relações casuais e de amizade, podemos aprender que Deus é um Deus de momentos e que estes podem ser diferentes, mas o momentâneo é também divino”.¹⁸ Desde a perspectiva da norma que fixa verdades eternas, imutáveis, transcendentais e abstratas, a indecência de corpos encarnados na fugacidade do tempo e da imanência é herética.

Porque o Cristo que conhecemos através da nossa encarnação é a Jesus travesti, Rainha do Céu.¹⁹ A Crista Fancha. Jesus Biba. Crista bissexual. Trans-Criste.²⁰ O Cristo *queer*, o Jesus andrógino com quem qualquer um pode se identificar a qualquer momento porque não se fixa numa identidade específica e definida, como diz Robert Goss em sua teologia homossexual.²¹ Se Cristo/Crista/Criste, o unguido/a unguida/ungide de Deus – divino que, ao se travestir de ser humano, unge-se com o óleo santo que nos cobre a todos com a viscosidade indecente da vida erotizada –, é o marco maior da indecência de

¹⁷ SERRA, Cristiana de A. **Vimos pra comungar**: os grupos de católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019. Pp. 187-188; 212.

¹⁸ ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**: theological perversions in sex, gender and politics. Londres e Nova York: Routledge, 2000. P. 69.

¹⁹ Cf. página do espetáculo "O evangelho segundo Jesus, Rainha do céu", de Jo Clifford, dirigida por Natalia Mallo e estrelada por Renata Carvalho. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jesusrainhadoceu/>>. Acesso em: 11 out. 2019.

²⁰ Cf. ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**: theological perversions in sex, gender and politics. Londres e Nova York: Routledge, 2000. P. 111-120.

²¹ Apud idem. *Ibidem*. P. 70.

que nos fala Marcella,²² esse Cristo *queer* que se revela a nós na materialidade de nossos corpos fora-da-Lei leva ao ápice amoroso a subversão e a desestabilização da norma e dos valores hegemônicos que, por serem hegemônicos, serão necessariamente hierarquizantes, excludentes e abusivos. Nele nos unguimos, também nós, e nos revestimos de sua obscena santidade.

O reconhecimento da existência concreta de nossos corpos em sua indecência, em sua multiplicidade, em sua diversidade, obscenamente embebidos pelo sagrado, revela também a fragilidade do (suposto) impasse entre dissidência sexual e de gênero e a experiência religiosa do Cristo. Porque existimos simplesmente.

Existimos simplesmente, e existirmos é resistirmos – e, se falamos em resistência, falamos em profetismo. A dádiva dos nossos corpos, que é a dádiva do nosso prazer, que é a dádiva da diversidade, nos incumbem de uma missão profética. Como Igreja que somos, somos chamados a contribuir para curar a Igreja, curar sua teologia, curar seu corpo, ferido pela heresia que é nos definir pelo pecado, pelo suposto pecado – em vez de nos definir pela sacralidade da nossa encarnação, nós que em nossos corpos indecentes fomos batizados e consagrados no fogo do Espírito. Por nossos corpos indecentes, somos chamados a *indecentar*²³ a Igreja, sua teologia e seu corpo. Não são os nossos corpos que precisam de cura, mas o corpo da Igreja, ferido pela heresia que é demonizar a liberdade e o prazer dos nossos corpos, quando nós ouvimos o que foi dito: este corpo é santo, este corpo foi santificado pela encarnação de Cristo, este corpo é nosso templo.

Marcella nos diz que a teologia indecente opera um processo de libertação que consiste simplesmente em pôr em dúvida as tradições dos pressupostos sexuais, o que terá implicações políticas de transformação.²⁴ É inevitavelmente político curar, com nossa presença milagrosa, a Igreja morna, a Igreja mais preocupada em assegurar a própria unidade que em combater a injustiça e a violência e que, por isso, se torna ela mesma violenta.²⁵ É inevitavelmente político resgatar a vocação da Igreja para transformar a

²² *Idem. Ibidem.* Pp. 110-111.

²³ *Idem. Ibidem..* Pp. 47-86.

²⁴ *Idem. Ibidem.* P. 69.

²⁵ Cf. MORELLO, Rafael. Imagem de Deus e Diversidade. **Blog Diversidade Católica**. 28 fev. 2011. Disponível em: <<http://diversidadecatolica.blogspot.com/2011/02/imagem-de-deus-e-diversidade-9-o.html>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

realidade, em vez de reproduzir o poder. É preciso curar a Igreja da idolatria do legalismo, da idolatria do clericalismo, da idolatria da Tradição que tornam a Igreja engessada, fossilizada em torno da própria soberba, da própria cobiça, da própria sede de poder. Talvez a maior contribuição religiosa do judeu-cristianismo tenha sido a irrupção de Deus na História,²⁶ mas essas idolatrias tornam a Igreja incapaz de ouvir e ver a Revelação de Deus que se dá continuamente na história; tornam a Igreja incapaz de atentar para os sinais dos tempos e ler esses sinais.

Existirmos, simplesmente, é resistirmos. E, desde o Cristo, descendemos de uma longa linhagem de resistentes, viventes e sobreviventes, pois somos herdeiras e herdeiros da Ressurreição; e, como nos lembra Rubem Alves (1997), cremos na ressurreição do corpo.²⁷ Fazemos memória daqueles e daquelas que nos antecederam, pois graças a suas vidas estamos aqui hoje, e precisamos honrá-los. Desde sempre, atendemos ao chamado da Vida que pulsa em nós, e seguimos, apesar das violências, apesar das opressões; seguimos, porque bem-aventurados são aquelas e aqueles perseguidos por serem quem são, por serem fieis à verdade para a qual foram criados, porque nosso lugar à mesa não nos será tirado.

Bem-aventurados os encarnados e as encarnadas; aquelas e aqueles cujos corpos pulsam de afetos – nossos corpos tão capazes de tesão, de amor, de doação, de desejo, de compaixão, de fraternidade, de encontro, de troca, de alegria, de vontade, de prazer. Bem-aventurados, bem-aventuradas nós que somos corpos vivos e erógenos, com fome e sede de viver. Bem-aventurados nossos corpos que vibram em comunhão e compõem uma comunidade de Amor. Porque em nós se cumpre a Palavra: “onde um ou mais de vocês se reunirem em meu nome, eu estarei com vocês” (Mt 18, 20).

Bem-aventuradas nós que estamos vivas, que estamos vivos. E precisamos viver, e viver bem, e partilhar e multiplicar a graça da vida, porque para isso fomos todas e todos criados – para estarmos vivas e vivos em plenitude, vivas e vivos em comunhão, vivas e vivos no Amor e na Alegria. Para que também em nós se cumpra a Promessa de Vida, a Promessa do Amor Incondicional e Irrestrito pela qual e para a qual todas e todos fomos

²⁶ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Pp. 57-58.

²⁷ ALVES, Rubem. **Creio na ressurreição do corpo**. São Paulo: Paulus, 1997.

criados e somos chamados. Para que também nós cumpramos a missão profética a que somos todas e todos convocados, de sermos sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-16), partícipes na construção do Reino. Para que também nós sejamos, uns para os outros, para a Igreja e para o mundo, sinais da Boa Nova do Cristo, que veio para que tenhamos Vida. Vida encarnada. Vida erótica. Obscena. Indecente. Em abundância.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology: theological perversions in sex, gender and politics*. Londres e Nova York: Routledge, 2000. 217 pp.

BRIGHT, Susie. *The sexual state of the union*. Nova York: Touchstone, 2000 (edição Kindle). 237 pp.

ALVES, Rubem. *Creio na ressurreição do corpo*. São Paulo: Paulus, 1997.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109 pp.

G1 CAMPINAS E REGIÃO. Homem é preso em Campinas após matar travesti e guardar coração: 'Era um demônio'. G1, 21/01/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/21/homem-e-preso-em-campinas-apos-matar-e-guardar-coracao-da-vitima-em-casa.ghml>>. Acesso em: 11 out. 2019.

METALLI, Alver. Dos años con Francisco, por los villeros de Baires. *Vatican Insider en El Mundo*, Roma, 09 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.lastampa.it/2015/03/09/vaticaninsider/es/en-el-mundo/dos-aos-confrancisco-por-los-villeros-de-baires-9o3ffuU5Fj7e5ohS86GL9K/pagina.html>>. Acesso em: 26 maio 2017.

MORELLO, Rafael. *Imagem de Deus e Diversidade*. Blog Diversidade Católica. 28 fev. 2011. Disponível em: <<http://diversidadecatolica.blogspot.com/2011/02/imagem-de-deus-e-diversidade-9-o.html>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

PEREIRA, Nancy Cardoso. *Sagrados corpos*. Introdução. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla*. Petrópolis: Vozes, n. 38, p. 5-10, 2001.

RIZZI, Nina. *Sereia no copo d'água*. A poema (blog da autora), 12 de junho de 2019. Disponível em: <<https://ninaarizzi.blogspot.com/2019/06/sereia-no-copo-dagua.html>>. Acesso em: 11 out. 2019.

SERRA, Cristiana de A. O coração, a santa e a dádiva: contribuições teológicas de corpos fora-da-lei. In JURKEWICZ, Regina S. (org.). *Teologias fora do armário: teologia, gênero e diversidade sexual*. Jundiaí, SP: Max. 2019. Pp. 10-33.

_____. *Vimos pra comungar: os grupos de católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019. Pp. 19-49.

TOSTES, Angelica. Quem tem o direito de fazer teologia? Angeliquisses (blog da autora). 17 mai. 2018. Disponível em: <<https://angeliquisses.com/2018/05/17/quem-tem-o-direito-de-fazer-teologia/>>. Acesso em: 26 mar. 2019.